

Ecologia de peixes em rios não perenes: uma análise cientométrica

Júlia Silva Oliveira¹
Bianca de Freitas Terra²

RESUMO

A ecologia de água doce se consolidou ao longo das últimas décadas, contudo, seu foco tem sido principalmente em ambientes permanentes. Com o avanço das mudanças climáticas, a frequência e a magnitude da seca tendem a aumentar, o que deve aumentar a proporção de rios não perenes em todo o mundo. Rios não perenes experimentam a secagem do seu fluxo superficial de água em algum momento, sendo abundantes em todos os continentes. A secagem periódica nesses ambientes exerce forte influência sobre as assembleias aquáticas como a ictiofauna. Assim, considerando o atual protagonismo dos rios não perenes na ecologia de água doce, nós objetivamos avaliar, através de uma abordagem cientométrica, a distribuição temporal e espacial de publicações em ecologia de rios não perenes que utilizaram a ictiofauna como grupo modelo e reconhecer as tendências e lacunas da área. Artigos publicados em língua inglesa entre os anos 1990 e 2023 foram coletados através das bases de dados Web of Science, Scopus, SciELO e do método “*Backward and Forward*”, resultando em 95 artigos. O pico de artigos foi entre os anos 2010 e 2020 com 59 artigos. Os estudos estiveram concentrados na América do Norte (33%), Europa (30%) e Oceania (22%), sendo Estados Unidos (31%), Austrália (20%) e Espanha (11%) os países mais representativos. Entre os artigos analisados, 80% foram oriundos de pesquisas realizadas através da coleta de dados em campo, com 68% dos primeiros autores sendo homens. As palavras-chaves com maior ocorrência foram *drought*, *fish* e *refugia*. A ecologia de peixes em rios não perenes cresceu na última década, com principal enfoque em compreender o efeito da secagem do fluxo hidrológico sobre a ictiofauna, contudo, a dominância dos países do norte global destaca a força dos aspectos econômicos na ecologia de água doce e as lacunas geográficas da área.

Palavras-chave: Ecologia de água doce. Cientometria. Mudanças climáticas.

¹ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Ecologia e Conservação da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, juliasilvoliveira@gmail.com;

² Professora do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e do Programa de Pós Graduação em Ecologia e Conservação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, biancafterra@gmail.com.